

## REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO EM *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA*

Maria Marta de Souza PINTO (G-UFGA)

Sandra Maria JOB (UFGA)

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo identificar as consequências do espaço para as ações dos personagens Alfredo e D. Amélia, em específico no primeiro capítulo do livro *Chove nos campos de Cachoeira*, da obra de Dalcídio Jurandir. Para isso, essa pesquisa se respalda em algumas teorias sobre espaço na literatura de, por exemplo, Brandão, 2013. O presente estudo mostrou que o espaço, no texto analisado, é local que desperta sentimentos, sensações negativos na e para a vida do personagem principal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço literário. Espaço social. Espaço psicológico.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo identificar as consequências do espaço para as ações dos personagens Alfredo e D. Amélia, em específico no primeiro capítulo do livro *Chove nos campos de Cachoeira*, da obra de Dalcídio Jurandir. Para isso, essa pesquisa se respalda em algumas teorias sobre espaço na literatura de, por exemplo, Brandão, 2013.

O trabalho divide-se em três partes. Na primeira trazemos a fundamentação teórica, expondo as características do espaço literário e suas representações; na segunda a análise do espaço no I capítulo no livro *Chove nos campos de cachoeira* e, por fim, apresentamos as conclusões a que chegamos.

### 2 O ESPAÇO LITERÁRIO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

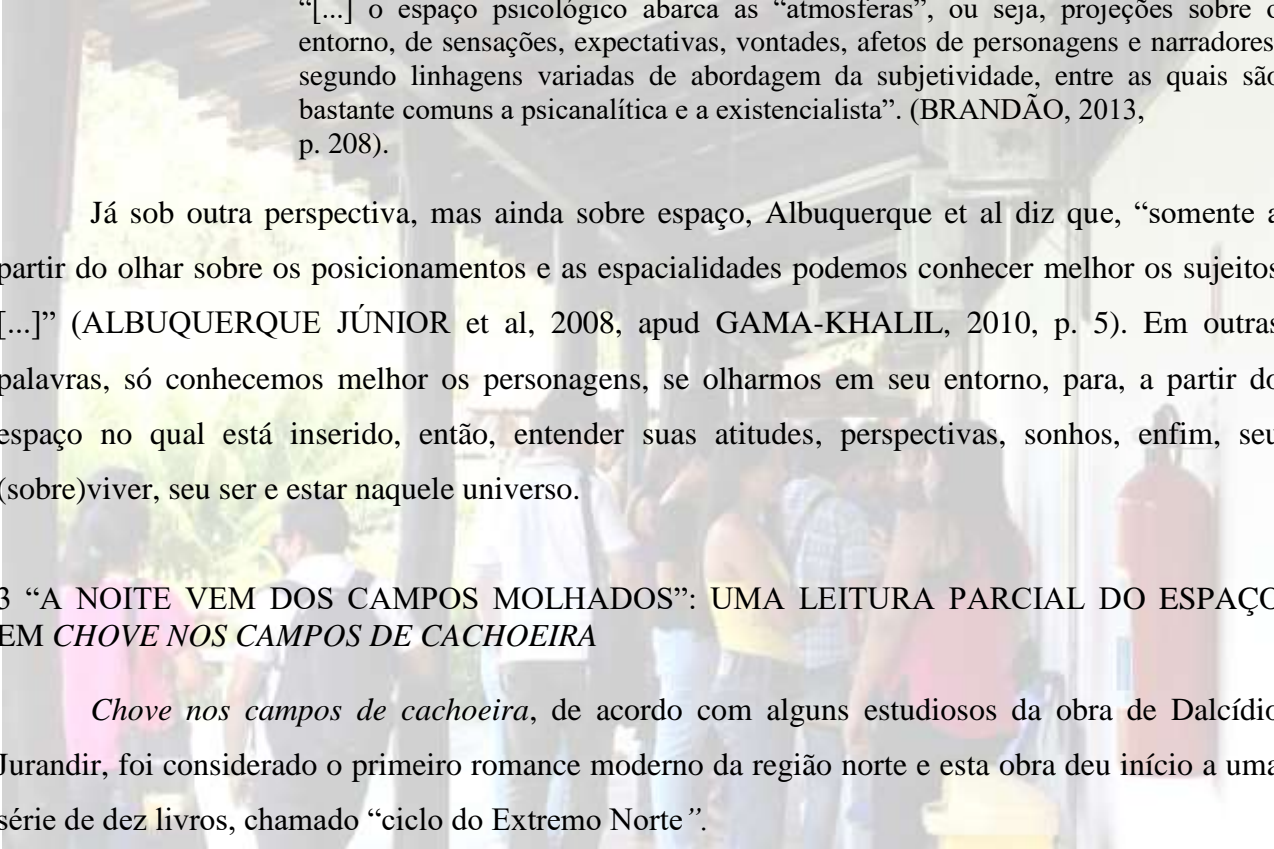
Quando se fala em espaço tendemos, em um primeiro momento, a restringir o sentido e o peso do termo. Dificilmente vamos além da interpretação dele como um local, um lugar bom ou ruim, grande ou pequeno, sujo ou limpo. Isso é minimizar algo que pode ter dimensões imensuráveis na vida do indivíduo que, muitas vezes, nem ele mesmo tem noção. Daí a necessidade de entendermos um pouco mais sobre o mesmo, principalmente no que se refere ao espaço dentro da literatura.

Antes, porém, de chegarmos à literatura vale buscar o sentido dicionário do termo. Lá, espaço é a “distância entre dois pontos, ou a área ou o volume entre limites determinados [...]” (FERREIRA, 2000). Mas e o que dizer de espaço literário?

No dicionário de termos da narrativa, lê-se que a representação do espaço é “questão dominante numa reflexão de índole narratológica” (REIS; LOPES, apud Brandão, 2013, p. 208). Ou seja, dentro das narrativas ficcionais o espaço merece outros olhares.

Ainda em relação a espaço para Brandão (2013, p. 208) existe o “espaço social” e o espaço psicológico. Nas palavras desse autor, o espaço social “[...] é tomado como sinônimo de conjuntura histórica, econômica, cultural e ideológica, noções compreendidas segundo balizas mais ou menos deterministas” (BRANDÃO, 2013, p. 208).

Para ele, o espaço psicológico, gira em torno dos sonhos e desejo que o personagem vive no decorrer da obra. E



“[...] o espaço psicológico abarca as “atmosferas”, ou seja, projeções sobre o entorno, de sensações, expectativas, vontades, afetos de personagens e narradores, segundo linhagens variadas de abordagem da subjetividade, entre as quais são bastante comuns a psicanalítica e a existencialista”. (BRANDÃO, 2013, p. 208).

Já sob outra perspectiva, mas ainda sobre espaço, Albuquerque et al diz que, “somente a partir do olhar sobre os posicionamentos e as espacialidades podemos conhecer melhor os sujeitos [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR et al, 2008, apud GAMA-KHALIL, 2010, p. 5). Em outras palavras, só conhecemos melhor os personagens, se olharmos em seu entorno, para, a partir do espaço no qual está inserido, então, entender suas atitudes, perspectivas, sonhos, enfim, seu (sobre)viver, seu ser e estar naquele universo.

### 3 “A NOITE VEM DOS CAMPOS MOLHADOS”: UMA LEITURA PARCIAL DO ESPAÇO EM *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA*

*Chove nos campos de cachoeira*, de acordo com alguns estudiosos da obra de Dalcídio Jurandir, foi considerado o primeiro romance moderno da região norte e esta obra deu início a uma série de dez livros, chamado “ciclo do Extremo Norte”.

*Chove nos campos de Cachoeira* foi originalmente publicada em 1940 e, de acordo com Kahlmeyer-Mertens (2011), a obra se ambienta em Cachoeira do Arari, lugarejo no qual habita Alfredo, personagem que se identifica paradigmaticamente com a gente que povoa a Amazônia paraense rural. Ainda segundo o estudioso;

O romance retrata com plasticidade a existência humilde e agreste de personagens que são pequenos proprietários de terra, campeadores, pescadores, barqueiros, empregados das fazendas, enfim, a matéria humana que Dalcídio chamava carinhosamente de a “farinha-d’água de meus beijos”. (KAHLMAYER-MERTENS, 2011, p. 1).

E a “existência humilde e agreste” desses personagens é narrada pela voz de um narrador heterodiegético, ou seja, o narrador não participa da história, como pode ser observado no trecho “Alfredo estava cansado, mais cansado ainda talvez porque perdera o caroço de tucumã no princípio dos campos queimado. O caroço saltara de sua mão e se escondeu num buraco da terra.” (JURANDIR, 1991, p. 2). Ou ainda no exemplo: “a calma de sua mãe, lavando e curando, talvez viesse daquele instante do poço onde Alfredo caiu” (JURANDIR, 1991, p. 2).

E é através desse narrador que conhecemos os personagens, Alfredo, D. Amélia, Felícia, Major Alberto, Irene, entre outros. Mas o objetivo desse trabalho não é exatamente os personagens, mas sim, o espaço e o papel do mesmo na e para a vida de Alfredo<sup>1</sup>, em específico.

### 3.1 “A noite vem dos campos queimados”: o papel do espaço na/para vida de Alfredo

Ao abrirmos o primeiro capítulo da obra já citada deparamo-nos com “A noite vem dos campos queimados”<sup>2</sup> 1. E esse espaço, “campos queimado”, já é a primeira referência àquilo que será o grande conflito para o personagem: o espaço.

Para melhor entendimento do leitor criamos uma tabela com os espaços descritos no decorrer do I capítulo do já citado livro e que julgamos mais significados para a vida do personagem Alfredo e buscamos identificar a consequência desse espaço na e para a vida de Alfredo.

Antes, vale ressaltar que os espaços identificados nesse capítulo foram catalogados a partir da proposta teórica de Brandão, (2013) que acreditamos ser a mais plausível, a saber: espaço social e/ou psicológico. A partir dessa “catalogação” que não se quer definitiva, obviamente, buscamos analisar o papel do mesmo na e para a vida de Alfredo.

| “CHOVE NOS CAMPOS MOLHADOS”   | ESPAÇO (BRANDÃO, 2013) | PAPEL DO ESPAÇO NA/PARA VIDA PERSONAGEM   |
|---|------------------------|---|
| <b>CASA/CHALÉ</b><br>“Voltar para casa era voltar às feridas, que apesar de saradas [lhe] deixaram marcas nas pernas e na nuca.” (JURANDIR, 1991, p. 2).  | Espaço social          | Na casa está toda história social, econômica. Ao se deparar com sua vida social cultural seu sofrimento recomeçava. Casa então é um ambiente de tristeza. |
| <b>ÁGUA</b><br>“Quando as chuvas voltavam, então era que D. Amélia sentia mais desejo de levar Alfredo para Belém. Já está crescido, ele, tudo pode acontecer com aquelas águas que iam e vinham.” (JURANDIR, 1991, | Espaço psicológico     | O ambiente água remete ao sofrimento, à perda. Sinônimo de angústia.  |

<sup>1</sup> Só a título de esclarecimento, o personagem Alfredo, em particular, pode ser considerado um personagem redondo. Se consideramos que os personagens redondos, como propõe Franco Junior, são aqueles que apresentam alto grau de densidade psicológica

|   |                    |   |
|---|--------------------|---|
| p. 3).  |                    |   |
| <b>MARCAS DE FERIDAS NAS PERNAS</b><br>“Agora com a marca das feridas o seu corpo era feio, corpo também moído pela febre.” (JURANDIR, 1991, p. 2).                         | Espaço psicológico | O “ambiente” corpo era o reflexo do que o espaço geográfico lhe causava. Ou seja, esse espaço geográfico lhe machucava não apenas a alma/o coração, mas também o corpo.   |
| <b>POÇO RASO/FUNDO</b><br>“D. Amélia não deu um grito. Saltou, e foi buscar Alfredo no fundo do poço que era raso.” (JURANDIR, 1991, p. 2).                                 | Espaço social      | O trocadilho fundo/raso denota que a situação social deles (no caso a miséria) era como um fundo de um poço, sem fim. D. Amélia queria, metaforicamente, salvar o filho dessa vida.   |
| <b>DEBAIXO DE CASA</b><br>“Podia ter medo, mas era enorme a sensação de ouvir, uma noite, o ronco do jacaré debaixo da casa.” (JURANDIR, 1991, p. 3).                       | Espaço psicológico | O medo e o perigo se escondiam debaixo daquela casa, quando o termo, o espaço casa, deveria remeter à segurança, felicidade. Mas é um local que remete à perigo.  |
| <b>CAMPOS QUEIMADOS</b><br>“Alfredo estava cansado, mais cansado ainda talvez porque perdera o caroço de tucumã no princípio dos campos queimados.” (JURANDIR, 1991, p. 2). | Espaço psicológico | O sonho é representado pelo tucumã. Perder o seu talismã (tucumã) significa que ele perdera seus sonhos. Não os tinha mais.<br>E perdeu seus sonhos no espaço representado pelos campos queimados. É como se o narrador quisesse dizer que ali era impossível cultivar/manter sonhos. |
| <b>CAROÇO DE TUCUMÃ</b><br>“Os campos o levaram para longe. O caroço de tucumã o levará também” (JURANDIR, 1991, p. 2).   | Espaço psicológico | O caroço de tucumã para o garoto representa beleza, sonho, esperança, um espaço vivido/usado por ele para chegar aos outros espaços sonhados.<br>Também pode ser o local onde ele se refugia (ou usa como escudo <sup>2</sup> ) para os males que advém dos campos queimados.         |
| <b>VILA À NOITE</b><br>“A vila caía num sono como uma menina doente” (JURANDIR, 1991, p. 3).  | Espaço social      | A vila à noite era triste, sem vida. Apática, um lugar prostrado, entregue.   |
| <b>REDE À NOITE</b><br>“Quando está em sua rede, à noite, sempre ouve os dois conversarem” (JURANDIR, 1991, p. 3).  | Espaço psicológico | O mistério, os pensamentos, projetos traçados, ocorrem no espaço da rede.   |
| <b>CAMPOS QUEIMADOS À NOITE</b><br>“A noite sobre os campos queimados também se queima e perde a paz” (JURANDIR, 1991, p. 3).   | Espaço social      | A noite tende a trazer a calma. É o momento em que o indivíduo dorme e “renasce” com novas esperanças. Mas as noites nos campos queimados queimam qualquer chance do indivíduo acordar renovado.  |

<sup>2</sup> De acordo com a lenda, principalmente em Manaus, o caroço de tucumã é usado como talismã para afastar o mau-olhado.

Em suma, o espaço tem um papel que sob nenhum aspecto, nesse primeiro momento da narrativa, se apresenta favorável para o personagem. Muito pelo contrário, é espaço de mágoa, opressão, sofrimento e do qual, por isso, sonha em sair.

## CONCLUSÃO

Ao final da análise algumas conclusões foram observadas, a saber:

O espaço não se detém tão-somente no espaço em que pode ser observado a olhos nus, ou imaginado através de galáxias, universo, sistema solar, etc. Existem espaços restritos e jamais imaginados dentro de todos os seres humanos. Quem nunca brincou de boneca? Polícia-ladrão? Foge-se de uma realidade para se viver outra, ou seja, de um espaço para viver em outro diferente e bem melhor de viver.

Além disso, no que se refere ao papel do espaço na e para vida de Alfredo, concluiu-se que os espaços, psicológico e social, analisados, são portadores de magoas, dores, opressão na vida do personagem Alfredo. Ou seja, dada à dimensão dos espaços vividos pelo personagem (e são muitos), ele acaba se tornando uma vítima desse espaço. Uma vítima indefesa e refém de um espaço do qual o personagem não consegue se libertar naquele primeiro momento da narrativa que este estudo se propôs analisar.

Diante das inúmeras possibilidades e leitura que este espaço apresenta, caberia um olhar mais aprofundado e estendido a toda a obra, até mesmo porque ela mostra a realidade que muitos ainda vivem por este Brasil afora, em particular no Marajó, onde a obra está ambientada.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do espaço.** Disponível em: <https://psiambiental.files.wordpress.com/2013/08/espac3a7os-literc3a1rios-e-suas-expansoes.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leituras narrativa. In: \_\_BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osona. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** Maringá: Eduem, 2003

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. **O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários.** Disponível em: <http://www.oziris.pro.br/enviados/201342123031.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2015.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de cachoeira.** 3 ed. Belém: Cejup, 1991.p. 294.

PINTO, Maria Marta de Souza; JOB, Sandra Maria. Reflexões sobre o espaço em *Chove nos campos de Cachoeira.* ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **Resenha de *chove nos campos de cachoeira de Dalcídio Jurandir***. Disponível em: <<http://dalcidiojurandir.com.br/home/resenha-de-chove-nos-campos-de-cachoeira-de-dalcidio-jurandir/>>. Acesso em: 17 nov. 2015.



PINTO, Maria Marta de Souza; JOB, Sandra Maria. Reflexões sobre o espaço em *Chove nos campos de Cachoeira*. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131